

NECESSIDADES E DESEJOS

Neste texto definirei as diversas acepções de necessidades e desejos. Pois, fala-se de "necessidades materiais", "necessidades físicas", "necessidades espirituais", "necessidade de disciplina", "necessidades de regras", "necessidade de liberdade", "necessidade de afeto", "necessidade de felicidade", "necessidade de ajuda", "necessidade de comunicação", "fazer as necessidades", etc. De forma muito superficial, já abordei esse assunto em meu discurso de paraninfo em 2008, que está neste site.

Como todas as palavras são polissêmicas, "necessidade" também o é. Então, começarei definindo "necessidade" como oposto ao "acaso". Na filosofia dualista racionalista entende-se "necessidade" como o "ser" ou a "razão". A razão é a única necessidade e todas as demais são acidentes. Sem a razão para significar as coisas, as existências perderiam a razão de ser. De que valeria existir cavalos, estrelas, árvores, etc. se não existisse a razão para significá-las. Já, na filosofia monista materialista a necessidade é a mater (mãe) de todas as coisas, a matéria. A matéria é a necessidade e a forma é o acaso. Pois, as diversas manifestações das formas, dependem do movimento da matéria. Na filosofia existencialista parece que o "Nada" é a necessidade. Pois, o homem vem do "Nada", existe, pode, ou não, construir sua essência de humano – a humanização é o acaso – e retorna de onde veio, o "Nada". Segundo Sartre (1905-1980), o homem que descobre essa trajetória, suicida-se. Na Lógica, a necessidade é a unidade, é o número 1 (um). Todos os demais são contingentes. Pois, 2 (dois) são dois uns, 1.000 (mil) são mil uns. Zero é 1 (um) menos 1 (um), ou seja, zero é um número qualquer menos a sua contrariedade. Na teologia a necessidade é Deus, as demais ou são criações, ou expressões materiais de Deus. O interessante é que se alguém pedir para um racionalista, ou para um materialista, para um existencialista, ou para um teólogo definir, razão, matéria, o nada, ou Deus, respectivamente, verá que eles terão muita dificuldade em definir a "necessidade" por eles afirmada. Se quiser complicar, solicite a um matemático para "apresentar" o número 1 (um). Não entrarei nessa questão da apresentação do número 1 (um), mas se alguém ficar curioso, leia meu texto "O EXATO LEGAL E O EXATO FACTUAL", em Crônicas, neste site.

Obviamente, não são essas as definições que interessa para a população em geral. Pois, tratei da necessidade como princípio fundante do mundo e das coisas do mundo inteligível e sensível e as proposições postas inicialmente tratam da necessidade como ausência, falta de alguma coisa. Nessa acepção de “necessidade”, para simplificar, podemos dividi-la em dois grandes grupos: Necessidade materiais/animais e necessidades espirituais/culturais. Essa divisão pode ser vista, por exemplo, na música dos Titãs “Comida”. Nessa música o compositor Arnaldo Antunes separa o material (comida e bebida) do cultural/espirituais (diversão, arte, balé, amor, dinheiro, felicidade). Neste trabalho também divido da mesma forma e assumo como “necessidades” materiais/animais somente comida, bebida, excreção e repouso. Pois, são as únicas naturais necessárias, todas as demais são contingentes. Alguns poderiam perguntar: Vestimenta e moradia não são “necessidades” naturais? Respondo que há povos que andam nus e outros que se abrigam em cavernas. Portanto, fazem parte das necessidades espirituais/cultural. Pois, dependem da história de cada povo. Sexo também estou colocando como uma necessidade espirituais/culturais. Antigamente colocava sexo como necessidade material/animal, fazendo contra ponto à ideia de Montaigne (1533-1592) que, em sua obra “Ensaio”, afirmou que sexo é uma coisa natural, porém, não necessária. Eu me opunha argumentando: “Imaginemos que todos, num determinado período, tornassem-se celibatários. A espécie dos hominídeos desapareceria da terra”. Porém, hoje temos outras formas de geração da espécie que, efetivamente, não há necessidade de sexo. Montaigne estava séculos à frente dos pensadores do seu tempo, inclusive do meu tempo. Mas, tanto o meu discurso antigo, quanto o do Montaigne estavam carregados de ideologias. Montaigne queria justificar o celibato dos padres católicos e eu queria desqualificá-lo. As ideologias são formas de conhecimento ilusório, que nascem de desejos e sempre embotam o conhecimento.

Portanto, excetuando comida, bebida, excreção e repouso, todas as demais, para mim, são espirituais/culturais. Outros pensadores fizeram divisões maiores e mais sofisticadas. Por exemplo, O psicólogo norte-americano Abraham Maslow (1908-1970) dividiu as necessidades humanas em fisiológicas (a comida, a bebida, dormir, vestimenta e moradia), necessidades de segurança (proteção contra acidentes, atentados, doenças), necessidades sociais (afeto, amor e amizade),

necessidade de estima (sucesso econômico e social) e necessidade de autorrealização (aperfeiçoamento das capacidades pessoais). Sofisticou criando uma pirâmide das necessidades humanas. Porém, complicou. Pois, afirmou que uma pessoa mesmo estando no primeiro patamar da pirâmide, o patamar das necessidades animais, segundo ele, poderia pular todas as demais etapas e atingir o ápice da pirâmide que é o estágio da autorrealização. Logo, podemos inferir que todo e qualquer animal pode se autorrealizar na sua animalidade de animal. Por isso simplifiquei e coloquei tudo em apenas duas grandes categorias: Materiais animais e espirituais/culturais, e os graus de humanização ou de desumanização dependerão do modelo de desenvolvimento econômico. Portanto, dependerão da relação de produção¹, pois é esta que cria as necessidades espirituais/culturais e não ao contrário.

Podemos concluir então que, as necessidades materiais/animais, independem do estágio de desenvolvimento histórico/econômico de cada povo, enquanto que as espirituais/culturais dependem de tal desenvolvimento. Assim, cada povo e dentro desse povo, as classes sociais, em função dessa relação de produção, criam valores. Esses valores são gerados a partir de uma relação entre desejos e necessidades e como afirmou Alain (1868-1951), em sua obra "Definições", nós deveríamos limitar os nossos desejos a partir das nossas necessidades, visto que a maioria dos desejos nasce de fantasias e não da necessidade. Porém, em nosso modelo de desenvolvimento econômico isso foi invertido. Hoje a maioria das pessoas limita as necessidades pelos seus desejos. Pois, segundo o economista Kenneth Galbraith (1908-2006), em sua obra "A sociedade afluyente", as necessidades do consumidor podem ter origem estranha, frívola e até imoral, mas, podemos defender uma sociedade que procura satisfazê-las. Porém, essa defesa perde o sentido se é o desejo de satisfação dessas necessidades que as cria. Essa inversão entre desejo e necessidade conduziu a sociedade para uma racionalidade instrumental monstruosa. Levou, segundo Dalai Lama, o homem a estragar sua saúde para ganhar dinheiro e no final a gastar todo o dinheiro que ganhou para recuperar a saúde.

¹ Relação de produção é a forma como uma sociedade produz os seus bens e como os mesmos são apropriados. Por exemplo, no sistema capitalista, a produção é coletiva (os operários produzem) e a apropriação é individual (o dono do negócio se apropria do bem produzido).

Como ocorreu essa inversão entre desejo e necessidade? Embora os administradores de empresa não concordem com o que vou afirmar, mas é pelo marketing que se causa tal inversão. O marketing cria fantasias, que são os desejos e a partir dessas fantasias, criam-se as necessidades. Pois, o marketing cria a fantasia que, por exemplo, uma pessoa só se realiza como ser humano se possuir a calça da marca X, o tênis Y, o carro Z ou beber W, etc. levando as pessoas gastarem o não tem, comprando o que não necessitam. Aqui não vou fazer juízo de valor se isso é certo ou errado. Ou, se a culpa é daquele que compra e não de quem vende. Também não vou falar das crises cíclicas do capitalismo, mas, a verdade é que se esse consumismo não ocorrer, o sistema econômico capitalista quebra. O mote do nosso sistema de desenvolvimento econômico capitalista é: Satisfaça seus desejos e não as suas necessidades.

A partir do acima exposto podemos agrupar as expressões: "Necessidades materiais", "necessidades físicas", "necessidades espirituais", "necessidade de disciplina", "necessidades de regras", "necessidade de liberdade", "necessidade de afeto", "necessidade de felicidade", "necessidade de ajuda", "necessidade de comunicação" como espirituais/culturais, cuja acepção é a falta de algo. Portanto, são necessidades que dependem do grau e do modelo de desenvolvimento das relações de produção. Lembrando que, dependendo do modelo desenvolvimento econômico, ocorre uma inversão entre necessidade e desejo, quando então, os desejos passam a orientar as necessidades.

Antonio Carlos

LEM, BA, novembro de 2012.